2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 11. QUINTA FEIRA, 23 DE SETEMBRO DE 1852. **12.º ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

O BANCO DE PORTUGAL EM RELAÇÃO Á SITUAÇÃO FINANCEIRA.

> Le crédit, sous sa double forme de crédit public et de crédit privé, merite d'etre classé sur le même rang que la vapeur et l'imprimerie, au nombre de ces forces qui sont destinées, appelées á changer la face du monde, et qui sont en voie d'opérer sur la terre la transformation de toutes classes au profit de la liberté comme de l'ordre.
>
> M. CHEVALIER.

VII

Em 22 de julho deste anno, ao publicarmos o primeiro artigo ácerca do Banco de Portugal, em relação á situação financeira, lhe traçámos o plano, escrevendo que fariamos as nossas considerações sobre:

A opinião que julga o Banco devedor ao estado de juros pelas notas do Banco de Lisboa.

A figurada vantagem do Banco vender a 80 por cento as acções com juro sobre o Fundo Especial de Amortisação.

O direito que assiste ao emprestimo dos quatro mil contos, e emprestimos de 1835 para não haver deducção nos seus juros.

Nenhum destes pontos se podia tractar sem a exposição dos direitos e deveres do Banco. Esta exposição já a fizemos. Resta examinar os pontos a que ainda nos não referimos, e fazel-o dentro dos limites puramente economicos, em que a nossa penna já ha annos trabalha na redacção da REVISTA. Sempre que escrevemos só esperamos para a obra, mais ou menos imperfeita, o reconhecimento da propria consciencia, pois que sabemos que fóra d'ahi o escriptor imparcial quasi que só póde contar com a injustiça, a ingratidão ou a calumnia. O caminho que as nossas opiniões devem andar está ha muito traçado e conhecido por quantos lêem a REVISTA; nem pessoas, nem partidos nos desviam delle. Quando emittimos a nossa opinião ácerca do direito do credito sobre o governo do juro do emprestimo dos quatro mil contos não dever ser sujeito a deducção, ainda esta não estava decretada. Hoje que o está, a nossa opinião é a mesma: sentimos que o esteja, mas para nós o direito não muda com o facto. No logar competente desinvolveremos este ponto: convém antes desvanecer a figurada vantagem na venda das acções sobre o Fundo de Amortisação a 80 por cento.

Já vimos que as acções com juro representavam creditos do Banco sobre o estado, provenientes na maxima parte de capitaes emprestados ao par ao estado, a juro modico; e em outra parte provinham de haver o Banco satisfeito de prompto, e pelo meio convencionado creditos sobre o estado, que elle não estava habilitado para pagar. O embolso foi deferido para longos prazos, e tudo se julgou compensado com a certeza de um juro certo, e de uma descapitalisação dos valores que taes creditos ficaram significando. Vem a proposito resumir o que sempre pensámos ácerca do Banco. Foi opinião constante nossa a que hoje temos, que não se podia exigir maior nem mais proveitoso desenvolvimento ás operações do Banco, sem chegar ao cumprimento das obrigações, que o estado lhe deve ha muito, de fórma que o Banco ficasse sem direito para uma unica reclamação justa, como tantas que tem feito, e sem lhe confiar o direito de ser o unico estabelecimento que emittisse papel circulante. Realisadas estas duas condições, o Banco tinha

um futuro vasto, que podia ser de maximo proveito para Portugal. Na marcha da civilisação, no incremento dos interesses do paiz, o seu logar era dos primeiros e dos mais honrosos. As suas caixas e agencias levariam as vantagens do credito e da circulação a todas as terras do reino; os seus capitaes seriam o nucleo de grande parte desses thesouros, que o trabalho de muitos dos nossos irmãos nos manda do Novo Mundo; o seu credito serviria de sombra benefica para grandes emprezas; os seus meios de acção poupariam muitas despezas publicas; e os capitaes estrangeiros só por sua intervenção viriam associar-se ao incremento da riqueza do paiz. A usura fugiria ante esta associação a que se chama agiotica, mas que revelaria ás provincias a vantagem, que desconhecem, do capital a 5 por cento.

Estas esperanças, que espiritos timidos ou desconfiados julgarão illusorias, são para nós realisaveis se os dois meios apontados se pozessem em pratica, se em vez de se julgar o Banco lucrando com a venda a 80 por cento de um credito sobre o estado se desejasse que recebesse os 100 por que é legitimo credor. Como o decreto de 19 de novembro impoz ao Banco a obrigação de comprar as acções com juro de que não foi possuidor, por inscripções consideradas a 62, o que equivaleria a 74 em dinheiro, julgou-se que havia lucro na venda a 80. Em primeiro logar deve-se attender a que 4, 112, 540, 864, dessas acções já a 99 que se vendessem representavam 1 por cento de verdadeira perda, por quanto provinham de creditos ao par, que se deviam embolsar em muitos prazos antes da sua inversão em acções, e, o que é mais, de capitaes que se emprestaram no acto dessa inversão se estatuir. Consideremos por tanto só os 963:931$403 réis pelos quaes o Banco deu 1.556:728$069 réis de inscripções de 5 por cento. No artigo anterior comprovamos o prejuiso de 89:780$338 réis para o Banco pela differença dos juros que de uns e outros titulos se tem pago, desceremos hoje ao proprio acto da troca ou forçada compra. Foi a troca realisada de maio a setembro de 1847. O Banco deu 100 de inscripções por 62 de acções com juros sobre o Fundo de Amortisação. Durante esse periodo o preço das inscripções regulou sempre entre 48 e meio e 50, e por tanto produzindo os 62 de fundo vendidos a 80 o preço de 49 e meio em dinheiro não vemos aqui o lucro. Pelo contrario nesta venda ha grande perda, pois que o Banco possuidor desses 1.500:000$000 réis de fundos publicos não era forçado por nenhuma das suas operações a vendel-os por tal preço. Descendo á analyse do juro dos dois papeis achamos que o Banco dando 100 de inscripções estas lhe produziam liquidos de de cima réis 3$750 e que adquiriu 62 de fundo que lhe produzem o juro de 2.325, perdendo assim 1.425 os quaes correspondem ao capital de réis 38$000, subindo por este methodo a comparação dos juros dos 1.554:728$069 réis de inscripções com os 963:931$403 réis de acções a perda no juro é de 22:154$475 réis annualmente o que corresponde ao capital de 590:786$ réis. O prejuiso será perfeitamente avaliado tomando em consideração os tres semestres atrasados das inscripções. Eis aqui um negocio de agiotas, como vulgarmente chamam ha muito aos accionistas do Banco. Dizemos que a injustiça é antiga e podemos proval-o. Na crise do Banco de Lisboa em 1827, nessa época em que havia menos folhetos e mais acção, menos argumentos e mais probidade, só um escriptor, e um dos primeiros dos nossos economistas escreveu ácerca do Banco, e só esse documento basta para provar como as questões, que se referem a um estabelecimento desta natureza, são sempre vistas atravez de um prisma que as muda, até para tão alta e esclarecida intelligencia, como era a do auctor do *Codigo Commercial Portuguez.*

Havendo um fundo de reserva que se não tinha distribuido aos accionistas, e tendo a assembléa geral do Banco resolvido, para combater a crise, augmentar o fundo, fixou a entrada em 506,957 por acção, juntando-lhe o equivalente á reserva. Este methodo póde ser contestado ;mas não devia ser julgado do seguinte modo pelo illustre auctor a que nos referimos:

« Nota a paginas 8, do Banco de Lisboa, por José Ferreira Borges: — O expediente que a assembléa do Banco de Lisboa acaba de tomar de integrar o seu fundo original deve de produzir o mesmo effeito. O modo é que póde chamar-se menos decoroso; porque a rasão porque ficaram as acções do segundo fundo de 506,951 prova uma desigualdade *indecente* . . . . . Seria para desejar que a assembléa não mostrasse aquella *fome* de ganhar a todo o custo, que levou o Banco á suspensão que o *macúla.* »

Vejamos a fome de ganhar dos agiotas de 1827.

Uma commissão nomeada pela assembléa geral, para em abril de 1826 dar o seu parecer sobre um emprestimo de quatro mil contos, que o governo pedia ao Banco, examinando as trans-

acções do Banco com o governo, achou que este lhe era devedor:

Em transacções directas.	3.283:763$594
» » indirectas. . .	874:292$805
Fundos consolidados.	617:340$225

O juro destes emprestimos era de 5 por cento. No orçamento de 1826 entrava no *deficit* réis 1.067:667$720 de divida do governo ao Banco, que se deveria pagar como emprestimo dos quatro mil contos, do qual a direcção foi actorisada a tomar uma parte, apesar deste memoravel preambulo do *parecer* da commissão, lido em assembléa geral de 20 de abril de 1826:

« A commissão tomando na mais alta consi-
« deração a natureza do Banco de circulação, e
« emissão de notas, certa de que nada é mais
« contrario á sua essencia, e existencia, do que
« fazer emprestimos a longos prasos, sejam quaes
« forem seus capitaes, pois que todos seriam a
« final absorvidos por similhantes emprestimos:
« etc. »

Quando os agiotas de 1827, que tinham tanta fome de ganhar começaram em 20 de agosto de 1822 as operações do Banco, e estava o desconto do papel-moeda a 23, elles abriram-no a 13, e assim esteve por muito tempo.

Os agiotas de hoje, seus herdeiros, tem recebido o devidendo de 3 por cento ao anno, quando as verdadeiras operações de agiotagem tem deixado mais de 3 ao mez.

Esta divagação parece-nos necessaria para que se apreciem justamente as nossas idéas sobre os pontos a que nos referimos.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

CALENDARIO.

VI.

Reforma gregoriana. — O concilio de Nicea, em 325 julgava que o calendario juliano traria sempre o equinoccio da primavera no dia 21 de março, tanto se reputavam coordenadas exactamente com a verdadeira extensão do anno solar as suas intercalações. Mas não era assim. A extensão do anno supposta pela reforma juliana é de 365 dias e um quarto de dia; sendo a extensão verdadeira 365^d, 2422. Vejamos o que devia resultar desta differença relativamente á posição que o sol occupa, n'um dia dado, 21 de março por exemplo.

Se o equinoccio cahiu no dia 21 de março de um anno juliano, virá no anno immediato um pouco mais cedo, isto é correspondente a uma fracção de dia igual á differença existente entre 0^d, 2500 e 0^d, 2422. Esta differença, por pequena que seja, ajuntando-se sobre si mesma no fim de cada anno, produzirá com o decurso do tempo dias inteiros, e a temperatura de que no principio se gosava em 21 de março notar-se-ha successivamente a 20, a 19, a 18 e assim por diante indefinidamente. Vê-se que o effeito é diametralmente opposto ao que resultava do emprego do anno vago egypcio que era mais curto do que o anno astronomico. Cumpre recordar que esta duração mais curta tinha successivamente transportado para o dia 22, para 23, e para 24 de março a temperatura do dia 21.

Em consequencia da differença que existe entre o anno de 365 dias e 0,25 e o anno astronomico de 365 dias e 0,2422, o equinoccio no XV seculo *anticipava* já muito sobre a data que o celebre concilio lhe assignalára. Era mister obstar a que augmentasse este erro, porque a final arrojaria lá para o centro do inverno a festa da Paschoa, cuja celebração, segundo as decisões ecclesiasticas, devia constantemente seguir-se a 21 de março por um certo numero de dias variavel, mas que nos casos extremos não podia exceder 25 de abril.

Reformar o systema juliano de intercalação era o unico meio de conseguir o intento; e o cardeal Pedro de Ailly assim o propoz ao concilio de Constança e ao papa João XXIII no anno de 1414: pelo mesmo tempo o cardeal Cusa escreveu sobre esta materia. Anteriormente, Rogerio Bacon tinha feito uma proposta formal a este respeito. O papa Sixto IV, querendo realisar estes projectos chamou a si Regiomontano; a morte do celebre astronomo, em Roma no anno de 1476 deferiu negocio tão delicado. O concilio de Trento, quando se dissolveu em 1563, recommendou-o mui expressamente ao papa. Finalmente, Gregorio XIII conseguiu em 1582 effectuar a reforma tão desejada, com a cooperação de um sabio calabrez, chamado Lilio.

Tornamos a dizer que o objecto desta reforma devia ser coordenar a extensão do anno civil com a do anno astronomico, de tal sorte que os dias da mesma denominação correspondessem, termo medio, ás mesmas temperaturas, e que os trabalhos agricolas podessem sempre ser regulados por datas tomadas do anno civil.

A extensão do anno juliano era de 365 dias e 0,25, quando a do anno astronomico, ou o tempo que o sol gasta para chegar ao mesmo ponto da sua orbita, no equinoccio da primavera por exemplo, não é senão de 365 dias e 0,2422. A intercalação juliana, fundada n'uma extensão do anno exaggerada, continha mui grande numero de bissextos: diminuir este numero por um modo regular, approximando-se da extensão do anno solar, tal devia ser, e tal foi com effeito, o resultado da reforma juliana.

No calendario juliano, todo o anno cujo algarismo é divisivel por quatro é anno bissexto: os annos seculares, taes como 1600, 1700, 1800, 1900, são por consequencia bissextos, pois que todo o numero representado por algarismos significativos seguidos de duas cifras é divisivel por 4. Imaginou-se, portanto, supprimir esses bissextos; mas, então cahia-se no defeito contrario; o calendario reformado gregoriano não comprehenderia o sufficiente numero de bissextos. Remediou-se esse defeito fazendo bissextos os annos compostos de um numero de seculos divisiveis por 4. Neste systema, tres annos communs são seguidos de um anno bissexto, e tres annos seculares communs são seguidos tambem de um anno secular bissexto.

Portanto, não ha differença entre a intercalação juliana e a intercalação devida ao papa Gregorio XIII senão em os annos seculares: 1600 (ou 16 seculos) foi anno bissexto em os dois systemas de intercalação; 1700, 1800 e 1900, que são bissextos no calendario juliano, não o são na intercalação gregoriana. Porém, no anno 2000, sendo 20 divisivel por 4, contar-se-lhe-hão 366 dias, e assim de futuro.

A regra para saber-se se um anno secular é bissexto ou não é mui simples. Apagam-se as duas cifras da direita do numero, se os algarismos restantes são divisiveis por 4, o anno é bissexto, se o não são o anno é commum.

Vejamos com que grau de approximação a extensão do anno que suppõe a intercalação gregoriane se avisinha da extensão do anno astronomico: 10:000 annos se compoem na realidade de 3.652,422 dias; 10:000 annos no calendario juliano compoem-se de 3.652,500 dias.

Havia uma differença de 78 dias entre a duração real de 100 seculos e a que suppõe o calendario juliano.

O calendario juliano continha pois um numero muito grande de annos bissextos; era necessario diminuir este numero. O primeiro pensamento que deveria apresentar-se, como já dissemos, seria suprimir os bissextos correspondentes a todos os annos seculares, ou que tem o algarismo composto de um numero redondo de seculos. Ora, em 10,000 annos ou 100 seculos ha 100 annos seculares: cortando, pois, 100 de 3.652,500 ficaria 3.652,400, numero inferior em 22 á duração de 10,000 annos determinada pelos astronomos. Assim, modificando a intercalação juliana pela suppressão de um bissexto em todos os annos seculares, se teria cortado de mais: imaginou-se então restabelecer todos os quatro annos seculares o bissexto que se havia tirado de mais. Em vez de supprimir 100 tentou-se vêr se haveria bastante approximação da extensão do anno astronomico, cortando da que suppõe o anno juliano, não 100, mas 100 menos um quarto ou 75; obteve-se então por 10,000 annos 3.652,425 dias. Não ha, portanto, senão uma differença de tres dias em 100 seculos entre o anno astronomico e o anno que suppõe a intercalação gregoriana.

Por outros termos, ao cabo de 10,000 annos a temperatura média correspondente á origem do periodo, 21 de março por exemplo, notar-se-hia no dia 18, tres dias mais cedo. Os trabalhos da agricultura, suppondo-lhe essa fixação rigorosa, não se achariam fóra do seu tempo e logar, passados cem seculos, senão o curto intervallo de tres vezes vinte e quatro horas. Portanto a reforma gregoriana satisfaz com toda a exactidão necessaria ao objecto de todo o systema de intercalação, ao que cumpre accrescentar que esta intercalação é sujeita a regras mui simples, que proporcionam transformar facilmente em dias um praso qualquer expresso em annos gregorianos.

(Continúa.)

RELATORIO DO BANCO DO BRAZIL.

Srs. accionistas do banco do Brazil.

Em cumprimento do dever que lhe impõe os estatutos, vem o conselho de direcção expôr-vos o estado do banco, sujeitando á vossa approvação ou censura os actos praticados desde que, honrado com a vossa confiança, teve de incumbir-se de organisar e administrar este importante estabelecimento.

O primeiro cuidado do conselho de direcção foi o de levar a effeito praticamente a organisação do banco, requerendo logo ao governo imperial a approvação dos estatutos, o que obteve, com as modificações constantes do decreto de 2 de julho do anno proximo passado, de que tendes conhecimento. Em seguida proseguiu o conselho na escolha dos gerentes e mais empregados indispensaveis para pôr em acção o mecanismo do banco; confeccionou o regimento interno, conforme dispoem os estatutos, merecendo-lhe simultaneamente a mais séria attenção a acquisição do edificio em que teria de funccionar o estabelecimento; por annuncios repetidos nas folhas diarias provocou a apresentação de propostas para venda ou aluguel de um predio em que se dessem as condições necessarias ao bom desempenho do serviço do banco; muitas foram as propostas, porém nenhum dos edificios offerecidos satisfez as condições exigidas, o que obrigou o conselho de direcção a fazer novos e reiterados esforços para satisfazer esta urgentissima necessidade, conseguindo a final effectuar a compra do excellente predio em que vos achaes, pelo preço de 140:000$; a competente sisa e as alterações necessarias para adaptar o predio ás exigencias pecuniarias do serviço do banco, bem como a forte somma que foi preciso dispender na construcção de uma *casa forte*, que reune todas as condições de solidez imaginaveis, como imperiosamente o exige a perfeita segurança dos capitaes que terão de agglomerar-se no maior estabelecimento bancal da America Meridional, elevou o custo da direcção até hoje a 138:268$752; o conselho de direito porém não hesita em congratular-se comvosco pela acquisição de um tal predio que satisfaz, não só ao movimento do Banco na actualidade, porém mesmo a quaesquer exigencias futuras que a prosperidade do estabelecimento

possa crear. Vencidas estas difficuldades, passou o conselho de direcção a fazer effectiva a primeira entrada dos fundos do Banco na importancia de réis 1.000:000$000, o que se verificou até o dia 20 de agosto do anno proximo passado, tendo principio as operações no dia immediato. Duas mais entradas de igual quantia foram exigidas e realisadas, e verifica-se actualmente a quarta entrada por assim o reclamar o progressivo desenvolvimento das operações do Banco.

Não cansará o conselho de direcção a vossa attenção narraudo-vos detalhadamente a marcha successiva do Banco do Brazil desde o começo de suas operações, por quanto o balanço geral que se acha sobre a mesa, e os trabalhos complementares que o acompanham, vos informam cabalmente do occorrido. Não se julga porém o conselho de direcção dispensado de chamar a vossa attenção para os algarismos finaes do movimento bancal, bem como para o resultado obtido no curto periodo de sua existencia, que provam de uma maneira concludente a importancia que adquiriu o estabelecimento, o seu estado vantajoso, e quiçá o esperançoso futuro que o aguarda. Até o dia 30 de junho proximo passando o movimento da caixa foi de 91.723:213$215 réis, sendo por entrada 47.224:686$663 réis, e por saida 44.498:526$552 réis. Descontou o Banco em lettras da praça e sobre cauções 18.251:819$283 réis. As entradas de dinheiro a premio elevaram-se a 15.341:893$482 rs. O movimento das contas correntes de 22.889:670$742 réis, sendo por entrada 11.694:238$960 réis, e por saida 11.195:431$782 réis. A conta de ganhos e perdas demonstra um lucro *liquido* de 178:911$598 réis, correspondente a 9 $\frac{3}{32}$ por cento ao anno sobre o fundo recolhido, o que levou o conselho de direcção a declarar o dividendo de 8$000 réis por acção, deixando ainda ao credito da conta de ganhos e perdas 7:647$490 réis depois de se haver levado a fundo de reserva 11:264$108 réis, em conformidade do que dispõe o art. 74 dos estatutos.

Esta posição é por sem duvida vantajosa, attendendo-se ás fortes despezas inherentes á primeira época da organisação do banco, e á superabundancia de capital fluctuante que o mercado monetario apresentou durante o periodo decorrido. Para obter resultado tão lisongeiro o conselho de direcção se compraz em dizer-vos, senhores, que não empregou meio algum extraordinario, limitando-se a conservar em plena actividade o fundo respectivo, fazendo apenas um uso limitado de outros elementos de acção facultados pelos estatutos, e evitando além disso cuidadosamente o tomar parte alguma no movimento especulativo de que fomos testimunhas, por entender que uma marcha grave, prudente e circumspecta é o que convém a uma instituição bancal de primeira ordem. Um dos cuidados do conselho de direcção foi o de representar ao corpo legislativo contra a oppressiva applicação da lei do sello no que respeita a lettras e vales de curtissimos prasos; similhante applicação inutilisa um dos mais importantes recursos do banco em quanto não chega a época de assumir este estabelecimento a posição que lhe compete, sendo elevado á cathegoria de banco de emissão, o que é facil de prever terá logar em época não mui distante, porquanto a prosperidade crescente do imperio é o desenvolvimento dos germens de riqueza que superabundam no paiz, reclamarão em breve uma instituição do credito de ordem mais elevada, que dê *vigor* ao exercicio das energicas activas da sociedade. Procurou tambem o conselho de direcção entabolar negociações para abrir um credito ao banco em Londres, por uma forte somma, o que julga de transcendente utilidade ao estabelecimento, e espera conseguil-o. Entrou tambem em correspondencia com bancos das provincias, fazendo sentir a esses estabelecimentos que, por meio de contas correntes, abrindo-se creditos reciprocos, poderiam auxiliar o commercio no movimento de fundos, mediante modicas commissões. O conselho de direcção procurou, pois, senão tirar partido *immediato* das circumstancias da praça, parque era nisso embaraçado por considerações prudenciaes de ordem elevada, ao menos lançar os alicerces de futuras e legitimas operações bancaes.

Aqui poderia o conselho de direcção terminar o seu relatorio, porque no que fica dito se cifra o resumo dos actos de sua administração sobre que podeis exprimir vosso assentimento ou vossa censura; o conselho de direcção porém comprehende que elevada é a missão do Banco do Brazil, e por isso não hesitará em suscitar algumas idéas que julga dignas da vossa attenção.

É inquestionavel que a época actual é uma época de esperanças; o principio de associação, sem duvida um dos mais poderosos agentes dos tempos modernos, está finalmente em movimento entre nós, cumpre abraçal-o com avidez, porém tambem cumpre estudal-o e guial-o, para que nos vôos de sua actividade não comprometta alguns interesses momentosos. Até onde alcança a experiencia do passado, em todas as praças commerciaes um periodo de excitação especulativa motivada por superabundancia de meio circulante é sempre seguido de outro periodo, mais ou menos remoto, de pressão e difficuldades monetarias. Os bancos bem organisados são os esteios do credito e do commercio quando chega a epocha difficil; incumbe-lhes pois ter muito em vista as causas que podem acarretar as crises, pois se não é talvez possivel evital-as, os seus effeitos serão sempre em boa parte minorados se *opportunamente* os estabelecimentos de credito embaraçarem especulações desregradas e indevidas, sem difficultar de modo algum o conveniente apoio ás legitimas operações da praça. Se, porém, a prudencia aconselha circumspecção, e se é um facto que na estação das facilidades é que cumpre aos bancos ter mais cautela, porque é então que os espiritos aventureiros se arriscam a tudo, e d'ahi se seguem as calamidades que a historia commercial aponta em toda a parte, não é menos certo que taes epochas são as propicias para se levarem a effeito as *boas emprezas*, e os espiritos sãos e vigorosos aproveitam-se tambem dessas opportunidades para realisal-as: apoiar as boas e impedir a realisação das más emprezas será sempre um serviço importante á sociedade e objecto legitimo e digno da acção dos bancos.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXXII.

UM FIO NO LABIRYNTO!

(Continuado de pag. 117.)

O ministro aproximou-se outra vez dos seus amigos, e o visitador tomando de parte a Jeronymo Guerreiro, procurou sondar a profundidade da sua dôr, e prescrutar os motivos della. Depois de muitas perguntas indirectas, e de algumas respostas ambiguas, pondo a mão no hombro do mancebo com auctoridade, o padre disse-lhe:

— « Para que me está enganando, se eu lêo na sua alma e a vejo chorar? Irmão Jeronymo faltou á companhia escondendo os seus pensamentos! Eu sei o que padece, e advinho o que me occulta. Um homem, Jeronymo, e um homem com o seu coração, não tem remorsos e pejo da fraqueza de meditar o suicidio, e de o pedir a Deus? »

— « Ah, padre Ventura, se soubesse o que sinto, se conhecesse a dôr que me trespassa!.. Cuida que posso existir assim, e levantar a cabeça, tendo sobre ella este peso de desenganos e de magoas, se de repente a luz da sua alma se apagasse, a alegria da sua vida lhe fugisse, o que fazia em meu logar? »

— « Pedia constancia a Deus e no calvario do martyrio arvorava a esperança duravel, a esperança divina. Cuidei que não ignorava que no mundo quasi tudo são lagrimas e illusões; devia saber que a dôr a a desgraça são companheiras do homem e nunca largam o seu lado... Tenho-lho ensinado. »

— « A sua alma é forte!.. Mas eu é que não tenho animo. O que fiz e consegui não era para mim. Julgava que o coração della se unia ao meu nos trabalhos e nas esperanças... Nunca senti os braços carinhosos tão suaves para os outros. O meu berço foi um berço de orphão; e amei-a, padre, amei-a com o estremo de filho, de irmão e de amante? Hoje que me desenganei, morro porque estou só. »

— « O homem nunca está só! E a mim quem me acompanha, quem me esforça e me ha de cerrar os olhos com ternura e amizade? Julga que não sei os tormentos da saudade, e que não ouvi dentro do peito os mesmos gritos da paixão, tambem louca tambem cheia de magoa? Porque me vê amortalhado cuida que não vivi, que fui velho sempre de espirito e de coração?.. Sonhei do mesmo modo; e ao acordar, procurando a alma, encontrei-a banhada de prantos, de joelhos sobre um tumulo? Era pouco?.. E não me abraçei por isso com a morte, não commetti o crime de procurar o suicidio... O peso do infortunio prostrou-me, como a todos; a afflicção tentou-me, mas a vontade venceu e tudo se callou... Sabe como o homem forte se ergue destes golpes? Mudando de paixão, pondo os olhos no ceu, e crendo em Deus. Hoje... não me lembro senão de que o desterro ha de ser curto; e no dia em que fôr chamado, irei descançar contente ao lado da minha cruz, supportada sem queixume, e no seio do Senhor aonde chorei sem desesperação... »

— « Mas é que v. paternidade não é um homem como os outros! Admiro os seus exemplos, porém seguil-os!.. Como querem que esqueça, se o coração não sabe e não diz outro nome? Se a alma não está comigo, mas com ella? »

— « É porque não manda ao coração que se calle, e á alma que veja outra coisa. Se fossem seus obedeciam-lhe. »

— « Ha tantos annos, padre Ventura, que a vida não é minha! Entreguei-lha desde creança; e agora mesmo não posso com o peso della! Se não parti é porque me disseram que esperasse. Ainda seis mezes, e no fim delles... não me illudo, não me entristeço, estou livre e ficarei tranquillo... »

— « Morrendo com medo do infortunio?.. interrompeu severamente o jesuita. Bem! Disse tudo? É a sua ultima resolução? »

— « Disse! » respondeu o mancebo deixando pender a cabeça. « A v. paternidade não occulto nada. »

— « Então se o não amarem? »

— « Não posso viver. »

— « Hão de amal-o. »

— « Não, meu padre! Diz-me o coração, que a minha vida acabou aqui. Depois o desengano veio da bocca della! Sei que me estima, mas o seu amor... passou. Tenho a prova. »

— « Já me viu prometter de leve, irmão Jeronymo? Ora bem! Se nós podessemos fazel-o forte, o instituto ganhava a maior victoria. É filho de Santo Ignacio pelo seu voto; creio que

o seu espirito é menos fraco do que o seu coração; quem pecca mais é a mocidade... Essa ha de passar a emendar-se! Entre perdel-o por uma paixão obscura, e salval-o satisfazendo-lhe o erro, porque é só erro, prefiro que viva. Conheço que do homem, que era a minha esperança, e em que punha a gloria futura da companhia, só ficará comnosco o espirito, porque por mais que faça não póde tornal-o pequeno... assim mesmo com o coração captivo e a alma longe de nós, espero que se a companhia o chamar... »

— « Ainda que Thereza me pedisse de joelhos! »

— « Não diga palavras temerarias. Se ella mandasse, ficava. O escravo não póde prometter: eu farei! A vontade é do senhor. »

— « Padre visitador eu não mereço... »

— « Merece! Acha a verdade amarga? De que se queixa? Quem se desgosta e entrega a vida ao amor voluvel de uma mulher o que ha de negar depois? Hoje quer morrer, porque não tem animo para supportar a dôr; ámanhã o que fará para não perder a felicidade? »

— « V. paternidade é severo! »

— « Engana-se. Sou justo apenas. »

— « Não é uma paixão leviana, é o amor do meu coração, desde que o sinto bater no peito... »

— « O amor é natural, não o accuso. O que estranho é a fraqueza. »

— « A fraqueza! Nem v. paternidade acredita! Não me disse já que eu não sou atreito a virar as costas? Bem viu se a morte me assustou? »

— « Cuidei, mas foi engano. Não tremer da morte é o menor valor; ha casos, em que o animo consiste em poder com o vida. O homem que medita o suicidio porque a magoa o afflige, ou porque a esperança anouteceu na sua alma, outro dia tem medo de morrer se fôr feliz... O valor que honra o coração e o espirito é a serenidade no infortunio e a constancia na occasião adversa. Ora aqui a occasião chegou e o homem fugiu: diga-me se uma creança faria menos? »

— « Padre Ventura, é preciso todo o meu respeito... »

— « Julga então covardia matar-se, ou expôr-se voluntariamente á morte, que é o mesmo, porque achou rigor em uns olhos, onde esperava vêr sorrisos? Cuidei que lhe parecia natural! »

— « Eu não disse... »

— « Que só no mundo sem ella não queria viver? Suppuz! Ainda bem, que foi meu o equivoco. Já crê então que Deus nos não concedeu o precioso bem da vida só para o amor profano, esquecendo o seu serviço na idolatria das paixões mundanas? Ora pois! Veio aonde eu queria. O que disse foi para lhe pôr diante da loucura o espelho e convencel-o de quanto é feia e criminosa. Seja homem! O amor é um bello sentimento, mas nasceu para nos dar a vida, e não para causar a morte. Medite, fortifique-se, e tome posse do seu coração e da sua alma; vença-os com o espirito que tem mais poder, e verá que hão de obedecer... depois de alguma dôr. Costume-se a tomar conselho com a razão e a moderar os impetos... A magoa e a alegria, em excesso, são delirios... Tenho que escrever para Castella. Quando parte, irmão Jeronymo? »

— « Quando v. paternidade disser! » replicou o mancebo inclinando a cabeça e cruzando os braços.

— « Muito bem! Vamos melhorando, pelo que observo. Então fica em quanto eu não quizer o contrario? »

— « Depois da promessa de v. paternidade... o logar aonde espero é-me indifferente. »

— « Dê-me um abraço, e confie em Deus. Ámanhã fallaremos de vagar. »

D'ahi a poucos minutos o jesuita sabia da boca de D. Catharina as particularidades relativas aos amores de Jeronymo e aos receios de Thereza; e encolhendo os hombros e sorrindo-se dizia a meia voz:

— « Suppuz que era outra coisa. Podia ser peior! »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO L.

AS DUAS RIVAES.

(Continuado de pag. 119.)

A Calcanhares recebeu Thereza no formoso aposento, onde estavam concentradas as deliciosas e amadas recordações da sua vida, no camarim onde ella assistira á quasi ressurreição phisica e moral do seu amante, onde lhe ouvira essas palavras sempre as mesmas, porém sempre eloquentes sempre persuasivas, com que o homem, que ama deveras, falla do seu amor áquella por quem sente a mais exaltada, e viçosa paixão que póde engrandecer a alma.

Pela janella, fexada por uma cortina de seda

vermelha, entrava uma meia-luz suave e tenue que perfeitamente se harmonisava com o brando clarão de duas lampadas de alabastro, ardendo diante de um primoroso Christo de marfim, cuja belleza realçava a larga cruz de ebano em que estava pregado. Áquella luz, Margarida, vestida de negro, pallida por extremo, com os olhos ligeiramente affogueados pelo acre contacto das lagrimas, os cabellos negros apenas sustidos por uma fita, e caindo descuidosamente sobre o cólo, as mãos alvissimas, que o emagrecimento parecia haver alongado tornando ao mesmo tempo mais pura e aristocratica a sua fórma, estendidas com desalento sobre o veludo do vestido, Margarida era a imagem harmoniosa e melancolica da saudade.

Desde que em Salvaterra, naquella noute funesta, Margarida fôra separada de Francisco de Albuquerque, nem uma hora tinha havido de repouso para o seu espirito nem de allivio para o seu coração. Guardada pelo ciume vigilante e desconfiado de Henrique Henriques, só duas vezes saira de casa para ir ao paço, depois da sua volta para Lisboa. Na solidão, e opprimida pela magoa e pelo susto, a alma da amante de Affonso VI havia-se votado á oração, e ás meditações religiosas; os escrupulos tinham vindo, vivos e pungentes, perturbar-lhe a serenidade da consciencia, e então a imaginação exaltada e ardente lançara-se nessas regiões immensas do ascetismo, onde a luz e as trevas, a alegria e a dôr, a bemaventurança e a eterna condemnação apparecem n'um vasto turbilhão de idéas confusas, de indecisas esperanças, de indefinidos desejos. Os conselhos e as praticas do seu novo director espiritual, o padre jesuita Manuel Fernandes, tinham profundamente impressionado o espirito, por natureza exaltado e inclinado á tristeza, da desditosa Margarida, e desenvolvido nella a theopathia, que destruira quasi totalmente todas as paixões que a prendiam á terra.

O seu amor por Francisco d'Albuquerque nada perdera da sua intensidade, mas havia nesse amor agora um mistico desejo de purificação, uma esperança de felicidade pela união espiritual, de santificação pelo arrependimento. Cançada de padecer na terra, de vêr sempre um abysmo aberto pelos crimes e pelas ruins paixões de homens sem piedade entre ella e a felicidade, Margarida sem cessar de ter no coração todos os ardores de um amor apaixonado, havia alevantado a sua alma acima das miserias da terra, entranhando-se nesse vago imaginar, que é o allivio e a consolação dos que tem sincera crença n'um mundo melhor.

A Calcanhares estava entregue a tristes cogitações, quando Thereza entrou no camarim, com o rosto ainda meio escondido pelo bioco negro da manta. E com rasão a candida provinciana conservára o bioco assim caído para a fronte, porque naquelle momento estava tão palida, tão convulsa, tão fóra de si, que se a aia de Margarida a visse em tal estado talvez suspeitasse que ella vinha áquella casa para praticar alguma acção criminosa.

Quando a aia disse a sua ama que alli estava a mulher que instantemente pedira para lhe fallar, Margarida levantou a cabeça, e com uma voz meiga e melancolica

— Sente-se aqui ao pé de mim, senhora — disse: — e diga-me com sinceridade em que a possa servir.

— Senhora... — balbuciou Thereza, sem se mover, e levando a mão ao peito para conter os impulsos do coração que batia desordenadamente.

— Soffre! — acudiu a Calcanhares, pondo-se de pé, e pegando na mão de Thereza. — Permitta Deus que eu possa alivial-a dessa dôr que a atormenta, senhora! Vamos, não trema, não se afflija tanto. A minha alma está preparada para intender as queixas dos desgraçados.

Era tão suave a voz de Margarida ao dizer estas palavras, estava tão melancolica, revelava tal bondade a sua physionomia, os seus olhos arrasados de lagrimas tinham uma doçura tão angelica, que Thereza sentiu fundirem-se, ao brando contacto da meiga alma de que fôra sua rival, todas as repugnancias, apagarem-se todas as antipathias. A sua mão, que fugira um pouco, assustada de se achar unida á mão da Calcanhares, tornou-se menos tremula, a sua voz era intelligivel e mais firme quando disse:

— É-me penoso, D. Margarida, vir eu mesmo fallar-lhe n'um triste caso, que a ambas nos interessa.

— A ambas! — E D. Margarida, em quem estas singelas palavras, haviam vivamente excitado a curiosidade, sentou-se no seu rico estrado, obrigando Thereza a sentar-se-lhe ao lado.

— A ambas — proseguiu esta, tirando a sua mão dentre as mãos da Calcanhares. — A grandeza do sacrificio que eu fiz em vir aqui podel-a-ha apreciar, senhora, quando souber quem sou.

Deitando então o bioco para traz, Thereza

deixou vêr á Calcanhares o seu rosto suave, que as penas haviam empalidecido. A amante d'El-rei, ao reconhecel-a, fez um gesto em que visivelmente se pintava o espanto e a anciedade, que lhe causava o vêr na sua propria casa a noiva de Francisco d'Albuquerque.

— O perigo eminente, a urgente necessidade de socorro que tem... Francisco d'Albuquerque, meu irmão, explicam e justificam, D. Margarida, a minha vinda a esta casa — deu-se pressa em dizer Thereza.

— Que ha, que sucedeu? — perguntou logo Margarida com grande turbação.

— O que ha? Francisco está vivo...

— Bem o sei.

— Mas em risco de morrer como criminoso, como assassino, sendo innocente.

— Que me diz? Pois elle está preso? Querem matal-o? Tinham-me dito que estava para o Alemtejo, fóra do alcance dos seus, dos meus inimigos. Enganou-me o padre Fernandes.

Thereza, que ignorava todas as circumstancias do desapparecimento do capitão, não sabia o que pensar destas palavras da Calcanhares. Esta notando o espanto da bella provinciana:

— Não se admire — disse, — não se admire de eu estar informada de tudo que respeita a Francisco d'Albuquerque. Sou culpada, pequei, offendi-a, senhora, mas a confissão dos meus erros servirá agora para a sua expiação.

Estas palavras pronunciou-as Margarida com uma voz em que vibravam soluços; e as lagrimas caíam-lhe a quatro e quatro, bellas como diamantes, pelas faces brancas de jaspe.

— Confessál-o-hei aqui — proseguiu ella, — eu amei-o, amei-o e amo-o muito. Perdôe-me, Thereza, perdôe-me se lhe roubei o amor desse homem. Mas eu tinha vivido sempre sem amar e sem ser amada; só na minha tristeza; insultada e despresada sendo, innocente; victima da crueldade dos homens, sem ter feito nada porque merecesse esse castigo de Deus. Vi Francisco d'Albuquerque, e amei-o; e, como elle acreditou na minha innocencia, e me abençoou quando todos me amaldiçoavam, e me respeitou quando todos me despresavam, esse amor tornou-se vida para mim. Quando o vi, por minha causa, cair aos golpes dos assassinos da patrulha baixa d'El-rei, senti que a vida da minha alma se ia pelas mesmas feridas por onde se esvaia a vida de Francisco. Quando o vi depois, — é aqui que eu preciso de toda a sua misericordia, Theresa, que necessito de toda a sua comiseração para ser perdoada, — quando o vi, quasi moribundo, entregue aos cuidados de outra mulher, que eu sabia que o amava tambem, senti, Jesus me perdôe! Senti o odio, a cólera, o ciume abafarem-me todos os sentimentos bons, acenderem-me no coração todas as paixões violentas. Thereza — proseguiu ella pegando na mão da provinciana, de cujos olhos as lagrimas marejavam tambem, — Thereza escute-me, escute-me e tenha dó de mim. Fui eu quem tirei do Côrte-Real Francisco d'Albuquerque; aqui mesmo, nesta casa o tive, e... fui ditosa, como o não foi nunca outra mulher no mundo.

A Calcanhares deixou-se cair de joelhos, e as suas lagrimas inundaram as mãos de Thereza. Diante daquella grande magoa, daquelle immenso amor Thereza sentiu se comovida não de ciume, mas de compaixão: então, esclarecida subitamente pela delicada sensibilidade da sua alma, ella percebeu, que não amava Francisco d'Albuquerque como Margarida o amava, que o sentimento que a elle a prendia era pura amizade fraterna. Assustada, receiando penetrar melhor os segredos mal-definidos do seu proprio coração, fez esforços para levantar a Calcanhares, que se conservava de joelhos, dizendo-lhe com sincera ternura:

— Não se atormente desse modo, D. Margarida. Eu nada tenho a perdoar-lhe; e se tivesse... como não havia de perdoar a quem tornou Francisco, meu irmão, feliz?

— Nem feliz o pude fazer! — exclamou a Calcanhares. — Por minha causa tem estado em perigo de se perder, e, agora mesmo, talvez a sua vida corre risco.

— É verdade — acudiu Theresa. — Francisco está prezo no Limoeiro; e accusam-no de ter morto no Alemtéjo um criado francez da Rainha. Fr. Thomaz do Espirito Santo, o bom frade que me acompanhou, que alli está fóra, foi hoje chamado ao Limoeiro para confessar um homem prezo, e esse homem era Francisco. Foi por Fr. Thomaz que eu soube esta terrivel nova. É preciso salval-o...

— Pedirei ao Castello-Melhor, a El-rei que o salve.

— Não sabem ainda o seu verdadeiro nome nos tribunaes. Soppoem que é um vilão simples, um arreeiro.

— É melhor assim. Estamos livres então da colera implacavel de um inimigo poderoso, estamos ao abrigo da perseguição cruel que de certo Henrique Henriques nos moveria, se sou-

besse que Francisco d'Albuquerque está encarcerado no Limoeiro.

— Vá senhora, vá depressa fallar com o privado d'El-rei, antes que as coisas vão mais adiante e se torne impossivel salval-o.

— Ai, Deus me acuda! — exclamou a Calcanhares. — Tudo parece dispor-se contra nós; é castigo que o ceu me quer dar.

— Porque diz isso?

— A côrte está neste momento em grande desordem. Acusam o conde de ter querido envenenar Sua Alteza; o Infante, para se vingar, dispunha-se com alguns fidalgos do seu partido a assassinar o conde mesmo dentro do paço, mas elle, avisado a tempo, cercou-se de soldados, armou todos os criados d'El-rei, e preparou-se para a guerra. A rainha é pelo Infante, e se o conde quizer agora... Nossa Senhora se compadeça de nós!

— Se o conde quizer agora...

— Se quizer salvar um homem acusado de ter morto um criado da rainha, talvez o não possa conseguir sem pôr em risco a sua posição de primeiro ministro, e nesse caso...

— O conde...

— O conde recusará salvar Francisco d'Albuquerque da morte.

— Misericordia!

— Mas vou, vou já ao paço — disse a Calcanhares com voz resoluta — e de lá não hei de voltar sem, ou ter salvo a vida de Francisco, ou ter obtido licença para me encerrar n'um convento, e, para sempre, me separar do mundo.

Dizendo isto, Margarida, movida por essa intima necessidade de afagos e de comiseração que a alma sente nas crises dolorosas da vida, deitou-se nos braços de Thereza, que a recebeu a conchegou ao peito a beijou como se fôra uma irmã. As lagrimas das duas lindas mulheres misturaram-se, e, como as lagrimas, as suas almas uniram-se em estreito amplexo, atraidas pela conformidade dos sentimentos.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Calculos sobre o ouro. — Os calculos mais fidedignos elevam a somma dos metaes preciosos importados da America na Europa no periodo de 318 annos, desde o descobrimento daquella região até á revolução do Mexico, em 2.383:600 kilogramos de ouro (cada kilogramo equivale a 2 arrateis, 2 onças, 6 oitavas, 2 scropulos e 17 grãos) e 110.362:222 de prata. Nestas importações o ouro esteve em relação á prata, quanto ao pezo, na rasão de um por 47. Não obstante esta proporção, de 30 annos a esta parte o valor relativo do ouro á prata é de um para $14\frac{5}{10}$ e 1 para $15\frac{75}{100}$.

No principio do seculo actual, o ouro e a prata importados annualmente na Europa, segundo o testemunho de M. de Humboldt, acha-se em relação de 1 para 55, consistindo em 15:800 kilogramos de um e 869:960 da outra. A producção total é avaliada por M. Chevalier em 23:700 kilogramos de ouro, e 900:000 de prata. De 1810 a 1830 diminuiram metade as importações da America.

Em 1847, quando estava no seu apogeu a exploração das minas do Ural e do Altai, regulou M. Chevalier a producção annual do ouro em 63:250 kilogrammos, e a da prata em 875:000; a saber, 25:000 menos de prata e 30:000 mais de ouro do que no principio do seculo, o que estabelece a proporção de 1 para 14 entre este e aquella.

Resumindo os dados apresentados pelo *Times* resultam as seguintes proporções na producção do ouro e da prata por libras. No seculo XVII um por 60, no XVIII um por 30, no principio do XIX um por 50, e em 1847 um por cem.

Desastres maritimos. — Um jornal dos Estados-Unidos faz a seguinte lastimosa resenha dos accidentes e catastrophes occorridas no presente anno com os vapores que percorrem as diversas linhas de navegação daquelle paiz.

Em 8 de janeiro, explosão da caldeira do vapor *Magnolia*, junto á ilha de Saint-Simon na Georgia: morreram 13 pessoas e houve 11 feridos. Em 14 do mesmo mez rebentou a do *Jorge Washington* proximo do grande golpho Mississipi: houve 19 mortos e 10 feridos. No mesmo dia incendiou-se o vapor *Mary Washington* junto de Menphris Tennessé. No dia 23 explosão da caldeira do *Pitz Miller* á foz do Rio Branco; pereceu grande numero de pessoas. A 25 o *Dewitt Clinton* desfez-se de encontro a umas rochas perdendo-se 40 homens. Em 31 naufragou o *general Varren* em Astoria, no Oregon, foram 42 as victimas.

No dia 14 de fevereiro naufragio do vapor *Cadelo*, perto de Nova-Orleans; morreram 5 homens. No dia 29 explosão da caldeira do *Mary Kingland*, visinhanças de Nova-Orleans, ascendendo a cinco o numero de mortos e a tres os feridos.

A 26 de março romperam-se os tubos do *Pocahontas*, caso que produziu a morte de 8 individuos, ficando 18 horrivelmente maltratados. No mesmo dia naufragou a *Independencia* na bahia de Matagorda (Texas) e pereceram sete pessoas.

Em 3 d'abril rebentaram as caldeiras do *Redstone*, juntou a Carroton; de que resultou ficarem 21 mortos e 25 feridos. No mesmo dia abriu-se o *Glencoe* e não se poude averiguar o numero das victimas que foi consideravel. Em 9 do dito estourou a caldeira do *Salada* em Livington no Missouri, perderam 100 pessoas. A 11 incendiou-se o vapor *Pocahontas* na proximidade de Choctaw passando de 12 os mortos. A 25

abriu-se *Prairié-State* na Illinois; entre mortos e feridos contaram-se 20.

A 19 de maio estalaram os cylindros do vapor *Pittsburg*, de que resultaram tres feridos e um morto.

Em 14 de junho rompeu-se um tubo do *Cleveland* e pereceram tres individuos. Em 5 de julho estourou a caldeira do *St. James* junto a Nova-Orleans; morreram para cima de 40 pessoas. A 12 o vapor *City of Oswego* abalroou com outro e foi a pique, havendo 20 mortes. No dia 28 incendiou-se o *Henry Clay* no Hudjon, pereceram perto de 80 pessoas, passando de 20 os feridos.

Estas horrorosas catastrophes montam a vinte no referido espaço de sete mezes, havendo 500 mortos e 100 feridos. Tão desastrosos accidentes provêm quasi sempre de falta de cuidado, não era possivel acontecerem em tão pouco tempo tantas desgraças se procedessem com o devido tento as pessoas encarregadas da derrota dos vapores.

THEATRO DE S. CARLOS,

EMPRESARIO

DOMINGOS JOSÈ MARQUES GUIMARÃES.

Elenco dos artistas de canto e baile escripturados para o serviço do mesmo theatro na 1.ª época theatral de oito mezes, que devem principiar em outubro proximo futuro, e acabar em 31 de maio de 1853.

MESTRES COMPOSITORES E ENSAIADORES.

Os srs. Antonio Coppola e Francisco Xavier Miggoni.

PRIMEIRAS DAMAS ASSOLUTAS DE CARTELLO.

As sr.as Anaide Castellan, do 1.º de outubro de 1852 a 16 de fevereiro de 1853.

Giovanna Rossi Caccia, do 1.º de março a 31 de maio de 1853.

ARTISTAS PARA TODA A ÉPOCA.

1.as damas assolutas — As sr.as Rachel Agostini (soprano) e Ercilia Agostini (meio soprano).

Comprimaria — A sr.ª Elisa Denovani.

2.ª dama — A sr.ª Sophia Roscelli.

1.º tenor assoluto de cartello — O sr. Antonio Prudenza.

1.º dito dito de meio caracter — O sr. Joseph Swift.

1.º dito dito — O sr. Alexandre Macaferri.

1.º baritono assoluto de cartello — O sr. Ottavio Bartolini.

1.º baixo profundo assoluto — O sr. Francisco Maria del Aste.

1.º dito e supplemento — O sr. Antonio Maria Celestino.

Dois segundos tenores, e dois segundos baixos — Os tenores são os srs. Antonio Bruni, e Manuel Subtil de Abranches, alumno do conservatorio real de Lisboa.

Mestre de córos — O sr. Jorge Augusto Cezar.

Quarenta coristas de ambos os sexos.

A orchestra é composta dos professores da associação musica — *Vinte e quatro de Junho.*

COMPANHIA DE BAILE.

Compositor e 1.º mimico assoluto — O sr. Domingos Segarelli.

1.as bailarinas assolutas de escola franceza — As sr.as Genoveva Monticelli, Augusta Domenichettis e S. Gonzaga Cappon.

1.º bailarino assoluto de escólafranceza sr. Valentim Cappon.

1.ª bailarina assoluta dançante — A sr.ª Marietta Vicentini.

1.ª Dita mimica assoluta — A sr.ª Sophia Constanza.

Quatro bailarinos mimicos de ambos os sexos.

1.as bailarinas italianas de merito e supplemento — As sr.as Romilda Pizzala, e Michelina Devechi.

Seis copias de 2.as bailarinas — seis copias de coripheus, e seis copias de figurantes.

Em tempo opportuno a empresa terá a honra de propôr aos amadores do theatro lyrico, e ao respeitavel publico desta capital, uma serie de 100 representações no decurso de 8 mezes, nas quaes a empresa dará 10 espectaculos novos, sendo cinco operas absolutamente novas para esta capital, e cinco bailes ou *divertissiments.*

As operas serão as seguintes:

L'Anima della Tradita, do maestro Flotow.

Maria, rainha de Inglaterra, do maestro e cavalheiro Paccini.

Sampierro, do maestro e cavalheiro Francisco Xavier Miggoni, director do conservatorio Real de Lisboa.

Os Huguenotes, do maestro Mayerber.

Mallek Adel, do maestro D. Ventura La Madri.

No numero dos cinco bailes propostos a empresa dará dois grandes bailes, que serão:

La Jolie Fille de Gand, e o *Kardinuto.*

Repetir-se-hão das operas já conhecidas aquellas que mais teem merecido a approvação publica, entrando no numero d'ellas duas do celebre maestro e cavalheiro Givachino Rossini — a *Pega Ladra*, e o velho *Moysés* no Egypto. — O director geral, *Antonio Porto.*

Chamamos a attenção de nossos leitores para o elenco geral, que acima publicamos, da companhia para a primeira época do theatro de S. Carlos, sob a nova empreza do sr. Domingos José Marques Guimarães.

A empreza mostra-se visivelmente possuida do desejo de bem merecer do publico, e na companhia que o sr. Porto escripturou, temos nós uma prova manifesta de que ella não recua diante de grandes despezas para conseguir o seu honroso intento.

Resta-nos vêr se o merito dos artistas corresponde ao avultado preço das escripturas, e ás boas informações que nos deram pessoas entendidas, e que julgamos animadas de espirito de imparcialidade.

Pela nossa parte, temos bastante confiança na in-

telligencia e no tacto do sr. Porto, para desde já nos persuadirmos, que os artistas que elle escolheu hão de merecer o agrado do publico, e satisfazer cabalmente as exigencias da nossa scena lyrica.

Quanto á primeira dama madame Anaide Castellan, podemos affiançar que foi uma preciosa acquisição, que a tanto nos auctorisa a sua honrosa e brilhante carreira em alguns dos principaes theatros estrangeiros. Não duvidamos até accrescentar, que bem poucas damas tem vindo a Lisboa, precedidas de tão distincta reputação artistica.

Dizem-nos que o baritono Bartolini e o tenor Prudenza são artistas de grande merecimento. O primeiro cantava ultimamente com applauso no theatro *Covent-Garden* de Londres, o outro tem pisado com exito alguns theatro d'Italia. Apesar disto, porém, francamente diremos que achamos mal cabida a qualificação de artistas de *cartello* com que elles são considerados no elenco da companhia. Ou nós nos enganâmos, ou artista de *cartello* é todo aquelle que tiver figurado successivamente *com distincção* em *tres* theatros de *primeira* ordem em epochas *determinadas*, como por exemplo, em Milão, Napoles, Veneza, *na epocha do carnaval*, em Bergamo no tempo da grande feira *no outono*, em Padua por occasião das festividades religiosas *no mez de junho*, etc. Lêmos ha alguns annos a maior parte dos jornaes musicaes e artisticos, que se publicam em Italia, e não nos consta que o tenor Prudenza e o baritono Bartolini estejam no caso acima indicado. Entenda-se bem, que não dizemos isto em menoscabo do seu merecimento artistico, que não está de modo algum dependente de uma qualificação, da qual elles deveriam ter prescindido, por lhe não competir *de direito*. Além disso, o *cartello* nem sempre é a melhor recommendação para o artista, pois temos tido no theatro de S. Carlos cantores de *cartello*, que pouco valiam, e que até foram mal recebidos pelo publico, porque ou estavam já cançados e no termo da sua carreira, ou porque o seu titulo era immerecido, emquanto que outros que não gosavam daquella qualificação, tinham um talento distincto, e agradaram immensamente. Ninguem dirá que Coletti, Tamberlick, e Ferreti eram artistas de *cartello* quando foram escripturados para Lisboa, mas nem por isso deixaram de causar enthusiasmo entre nós, legando-nos para sempre saudosas recordações.

Notamos tambem que a empreza, apresentando-nos *contemporaneamente* tres primeiras damas *absolutas*, e uma comprimaria, tres primeiros tenores, e dois segundos, tres primeiras bailarinas *absolutas* de escóla franceza, emfim, um complexo tão numeroso, não fizesse a acquisição de um primeiro baixo comico, artista aliás indispensavel em uma companhia de canto. Esta falta é muito sensivel, pois todos sabem que o baixo comico tem uma parte importante em grande numero das operas do antigo como do moderno repertorio; e até muitos *spartiti* ha, que não podem ter um exito completo, como por exemplo, a *Pega Ladra* de Rossini, que a empreza se propõe a dar, e outras, se a parte do *buffo* não fôr executada por um artista que tenha os requesitos necessarios para bem desempenhar aquelle logar.

Não sabemos como a empreza preencherá esta falta, a não ser que o baixo profundo dell'Aste, ou o sr. Celestino, esteja encarregado dos papeis daquelle genero, mas se assim fôr, houve omissão em o não declarar no elenco da companhia. Consta-nos que o baixo dell'Aste tem uma voz de um timbre agradavel, com uma escala muito extensa, e de uma agilidade admiravel: comtudo, não nos parece provavel que a empreza tencione confiar-lhe papeis de genero comico, porque é difficil que o mesmo artista esteja no caso de desempenhar simultaneamente, e com bom exito, papeis de genero inteiramente diverso, e para cada um dos quaes se requerem qualidades especiaes.

O sr. Celestino é sem duvida um artista que tem direito á benevolencia e consideração do publico de Lisboa, não só pelo seu talento como tambem por ser actualmente o unico cantor portuguez que, por sua intelligencia e seus continuos esforços, tem conseguido chegar a um logar distincto na carreira theatral. Não obstante isto, não o aconselharemos a acceitar o logar de 1.° baixo-comico, encargo superior, senão em todas, em muitas operas, aos seus recursos e á sua boa vontade De mais, havendo um só baritono na companhia, e figurando o sr. Celestino no elenco, como primeiro baixo e *supplemento*, é possivel que a empreza venha a carecer de seus serviços n'esta ultima qualidade, e lhe não convenha sobrecarregal-o de maiores encargos.

Não se julgue que nestas breves reflexões que acabamos de fazer haja o menor animo de hostilisar a actual empreza. Pelo contrario declarâmos que temos nella plena confiança, e reconhecemos o quanto ella se esmera em realisar os desejos dos frequentadores do nosso theatro lyrico. Mas se ella merece o nosso apoio, nem por isso deixaremos nunca de manifestar livremente a nossa opinião, convencidos, como estâmos, de que não é um tecido de elogios sem fim, mas uma critica conscienciosa e imparcial, que acredita quem a faz, e aproveita a quem é dirigida.

DEMETRIO RIPAMONTI.

BIBLIOGRAPHIA.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, por *José da Motta Pessoa de Amorim.*

Publicou-se a 1.ª folha do tomo 4.° e contém:

Seculo de Jaddo e de Alexandre.

Historia sagrada. — Divisão do imperio de Alexandre.

Historia dos judeus. — Templo no Monte Garisim.

Historia prophana. — Armenia, Belgica, Bithynia, Bretanha, Capadocia, Caria, Caucasso, China, Decan, Gallia, India, Ponto, Scythia e Tonquin.

Vende-se a 20 rs. a fl, e 300 rs. por volume nos principaes livreiros de Lisboa, Porto, e Evora.

UM CONTO AO SERÃO

COMEDIA EM TRES ACTOS.

POR

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

VENDE-SE NAS LOJAS DO COSTUME.

Preço 360 *réis.*